


IDENTIDADES CULTURAIS NA BAIXADA FLUMINENSE: REFERÊNCIAS PROFUNDAS DAS “RAÍZES QUE FICAM”*

CULTURAL IDENTITIES IN THE BAIXADA FLUMINENSE: DEEP REFERENCES TO "ROOTS THAT REMAIN"

Eliana Santos da Silva Laurentino

 <https://orcid.org/0000-0002-3742-1525>

Correspondência: laurentinoeliana@gmail.com

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

DOI: 10.12957/cdf.2025.94285

Recebido em: 22 set. 2025 | **Aceito em:** 18 nov. 2025

RESUMO

O presente trabalho analisa as potências de produção de memórias e histórias, por meio de registro e divulgação das referências identitárias no/do território a partir de Ponto de Memória. Em perspectiva de escala, foram realizadas entrevistas com alguns dos primeiros moradores de uma comunidade que se estabeleceu por meio de uma ocupação nos anos 1990, no segundo distrito do município de Duque de Caxias, em um morro que ficou, inicialmente, conhecido como "morro da farinha", e onde, atualmente, está localizado o ponto de memória “Varanda Cultural Abolição”. A partir de um referencial teórico de Nêgo Bispo (2023), amplia-se o olhar para o processo de apagamento colonial que invisibiliza os símbolos e as significações dos modos de vida de um povo por outra cultura por meio de práticas de violência, com desdobramentos diversos ao longo do tempo. Isso foi identificado com a referência a nomenclatura “morro da farinha”, carregado de estereótipos do nordeste brasileiro. A farinha de mandioca, também consumida pelos nordestinos, nem sempre é mobilizada de forma positivada ou mesmo em perspectiva histórica, como referência de uma raiz ainda mais profunda de identidade dos primeiros habitantes em terras pindoramas e com valor existencial. Assim, os documentos advindos de um ponto de memória foi um caminho fértil para busca das marcas e raízes históricas dos moradores, que vivendo em um território periférico como Baixada Fluminense, alimentam e carregam suas marcas ancestrais de sabedorias e práticas culturais, expressos na comida, nas rezas, nos sabores e saberes.

Palavras-chave: Ponto de memória; Baixada Fluminense; acervos comunitários; território e identidade.

*A pesquisa foi realizada sob o financiamento da Lei Federal Paulo Gustavo, edital categoria pesquisa, por meio da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Duque de Caxias. Destaca-se que o presente estudo é um desdobramento da pesquisa sobre a relação entre identidades e territórios realizada durante o meu doutorado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ -FFP, que contou com o financiamento da FAPERJ.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons BY 4.0, que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.

ABSTRACT

The present work analyzes the powers of producing memories and stories, through the registration and dissemination of identity references in/from the territory based on a Memory Point. From a perspective of scale, interviews were conducted with some of the first residents of a community that was established through an occupation in the 1990s, in the second district of the municipality of Duque de Caxias, on a hill that was initially known as "morro da farinha," and where the memory point "Varanda Cultural Abolição" is currently located. Building on a theoretical framework from Nêgo Bispo (2023), the focus expands to the colonial erasure process that makes invisible the symbols and meanings of a people's ways of life by another culture through practices of violence, with various repercussions over time. This was identified with the reference to the name "morro da farinha," laden with stereotypes of the Brazilian northeast. The cassava flour, also consumed by the people from the Northeast, is not always mobilized in a positive way or even in a historical perspective, as a reference to a deeper root of identity of the first inhabitants in the pindoramas lands and with existential value. Thus, the documents that come from a point of memory were a fertile path for the search of the marks and historical roots of the residents, who, living in a peripheral territory like Baixada Fluminense, nourish and carry their ancestral marks of wisdom and cultural practices, expressed in food, prayers, flavors, and knowledge.

Keywords: Memory point; Baixada Fluminense; community collections; territory and identity.

1 INTRODUÇÃO

"Meu quintal é maior que o mundo"

Manoel de Barros, 2015.

Considero que é preciso reconhecer que a Baixada Fluminense é uma invenção, ou seja, um amálgama de referências simbólicas que sugerem uma unidade territorial, mas que carregam a diversidade cultural que circunda os diferentes municípios que precisam e merecem ser historicizadas; considerando suas materialidades, seus percursos de chegadas e estabilização e suas múltiplas estratégias de existir no território. Percebe-se que o esforço da conexão ou da unidade é elaborado e reelaborado, especialmente, pelas produções de conhecimento histórico com destaque aos caminhos, sejam os rios, a estrada de ferro ou as rodovias, destacando seus múltiplos significados ao longo do tempo, a partir das perspectivas discursivas sobre suas importâncias e sentidos atribuídos ao longo do tempo no espaço. Assim, em uma perspectiva de alteridade, a invenção da Baixada Fluminense se constitui a partir do discurso de invisibilidade dessa potência histórica, marcada pelos caminhos e suas conexões que ocorreram em decorrência da

proximidade do Rio de Janeiro (Autora, 2021). Dessa forma, é preciso considerar que muitas são as possibilidades de afirmação da importância da Baixada Fluminense, seja no aspecto econômico, político e ou social. Contudo, almejo contribuir para uma leitura de um território que ficou marcado pelos caminhos, como um lugar de chegadas. Não quero falar das marcas dos que passaram, tal qual os tropeiros, ou mesmo discutir sobre os ilustres que chegaram e se estabeleceram. Desejo observar os “mais que anônimos”, os que no seu cotidiano vivem e alimentam formas de existir, na luta por moradia e nos diferentes quintais. Os que criaram raízes e os que alimentam raízes, que são tão profundas, que por vezes parecem que não existem diante das marcas de violência do apagamento colonial (Santos, 2023).

Assim, essa pesquisa faz parte de um esforço de compreender as potências e desafios de pontos de memórias na Baixada Fluminense. Inicialmente, estou considerando olhar o “Varanda Cultural Abolição”, que é reconhecido pelo Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM - como um Ponto de Memória das culturas afro-brasileiras. A partir dessa experiência percebi o fortalecimento de outras iniciativas e seus respectivos processos para a Certificação, espaços que merecem e devem ser investigados. O Programa Ponto de Memória foi criado em 2009 e propõe reconhecer e valorizar a memória social. Trata-se de uma iniciativa que dialoga com o chamado “Dever de Memória” e permite um certo acesso em editais e um fortalecimento identitário nas comunidades.

A partir do entendimento que a Baixada Fluminense carrega marcas de uma cultura histórica, que tem no registro sobre o passado direcionamentos para projetos políticos, tenho me preocupado com as muitas possibilidades de registros sobre e no território, desde a criação de acervos documentais, práticas de educação patrimonial, bem como as ações de investimento de memórias a partir de espaços que receberam a titulação de Ponto de Memória, especialmente, com a política de incentivo do IBRAM no ano de 2022.

Como moradora da Baixada Fluminense e membro do “Grupo de Pesquisa e Extensão Cultural A Cor da Baixada”, participei dos esforços do grupo em reconhecer iniciativas de memória e investimentos de práticas da museologia social na região. Desse modo, fui uma das idealizadoras da titulação do Ponto de Memória Varanda Cultural Abolição, conduzido pelo mestre Mairton, com quem sou casada e acompanho as atividades por longo período. Assim, o Varanda é um local que fica no nosso quintal e

que vem se configurando como referência para atividades culturais diversas e principalmente práticas de capoeira do Grupo Abolição.

Nessa perspectiva, a partir da criação do Ponto de Memória Varanda Cultural Abolição, mobilizei mais registros de memórias, por meio do levantamento de imagens, fotos, entrevistas e objetos sobre os primeiros moradores do espaço, bem como dos primeiros moradores da comunidade, conhecida como “morro da farinha”. Apesar do uso pejorativo da nomenclatura, vinculado às marcas de uma migração nordestina, observei que o morro foi se constituindo com outras referências identitárias, que apresentam a pluralidade das referências brasileiras, expressas entre os moradores. O próprio terreno do Ponto de Memória pertencia ao Sr. Sebastião e a dona Valeriana, mineiros de nascimento. Pessoas conhecidas, especialmente, porque rezavam e benziavam no local.

Desse modo, envolvida com as pesquisas sobre os usos do passado e os seus diferentes sentidos, e marcada pela experiência de pesquisas sobre a relação entre o território e identidade, por meio de memórias e história, considero que os pontos de memória podem ser boas referências para pesquisas. Além de identificar os processos de estabilização e socialização dos muitos “anônimos”, é possível perceber presenças na construção do território, seja por meio da constituição de acervos comunitários que contribuam para múltiplas narrativas sobre o passado ou mesmo para aplicabilidade de práticas educativas com perspectivas históricas e culturais do e no Local. Esse é o caso do Ponto de Memória Varanda Cultural Abolição.

2 PONTO DE MEMÓRIA: A POTÊNCIA DOS ACERVOS

O Varanda Cultural Abolição está localizado no terreno/quintal que pertencia ao Senhor Sebastião e a dona Valeriana. No espaço, além da casa do mestre e sua família, foi construído “O varanda” no quintal, como um espaço de encontros, partilhas e práticas culturais que teve seu início oficial sob a atmosfera de retorno às atividades presenciais no ano de 2020, ainda no contexto da pandemia. O mestre de capoeira destaca que durante o período de retorno do isolamento social, os representantes do coletivo indicaram que as crianças que residem próximo ao espaço, estavam sem qualquer possibilidade de desenvolvimento de atividades tanto educativas, esportivas quanto culturais. Além disso, o espaço está localizado em um território de muita ausência do poder público, sem oferta de atividades de lazer, principalmente para as crianças. Assim, naquele momento,

providenciaram, inicialmente, encontros para auxiliar nas atividades escolares remotas e treinos de capoeira, com auxílio de membros do grupo de capoeira Abolição.

Logo, indicaram que foi importante promover atividades mais contínuas. Assim, foram realizadas aulas de ritmo, rodas de conversa com memórias e histórias da diáspora africana, as oficinas de maculelê, entre outras atividades consideradas importantes para desenvolver um sentimento de coletividade e solidariedade nas crianças, por meio da potência das histórias ancestrais. O mestre destaca que a proposta era materializar um espaço com marcas da cultura afro-brasileira, que nesse caso, tem como seu principal foco a prática da capoeiragem, as tradições e contações de memórias. O representante do coletivo, mestre Mairton, participou das atividades da capoeira por mais de duas décadas. Morador dessa comunidade e filho dos primeiros moradores que chegaram logo após o período da ocupação, diz que sempre esteve envolvido e preocupado em promover treinos e rodas de capoeira para as crianças. Nesse sentido, para ele, o coletivo se fortalece com a motivação e o entusiasmo, que agrega ex-participantes, parceiros do bairro e companheiros de jornada, identificando as contribuições possíveis de cada um para a identificação, o reconhecimento e valorização tanto da capoeira, quanto da cultura afro-brasileira em geral. Essas características das ações desenvolvidas ao longo do tempo, foram apontadas para a certificação como Ponto de Memória.

Considerando que os pontos de memória recebem seu reconhecimento por meio da autodeclaração e o do apoio de outras instituições congêneres, por meio de cartas de reconhecimento de suas práticas, cabe destacar os objetivos do Ponto de Memórias, presentes no artigo 5º, com destaque aos três primeiros artigos:

I - Promover a valorização e difusão da memória local de grupos, povos e comunidades representativos da diversidade cultural brasileira;

II - Contribuir para o fortalecimento das tradições locais, da identidade e dos laços de pertencimento da comunidade;

III - promover ações educativas que proporcionem a valorização do patrimônio cultural e das memórias das comunidades (BRASIL, 2021).

Assim, se o reconhecimento do espaço como ponto de memória foi mobilizado por meio da valorização das atividades desenvolvidas pelo mestre Mairton por mais de duas décadas, com registros audiovisuais dos pais e crianças sobre o vínculo cultural com a capoeira, podemos dizer que a certificação despertou outros interesses. Como moradora

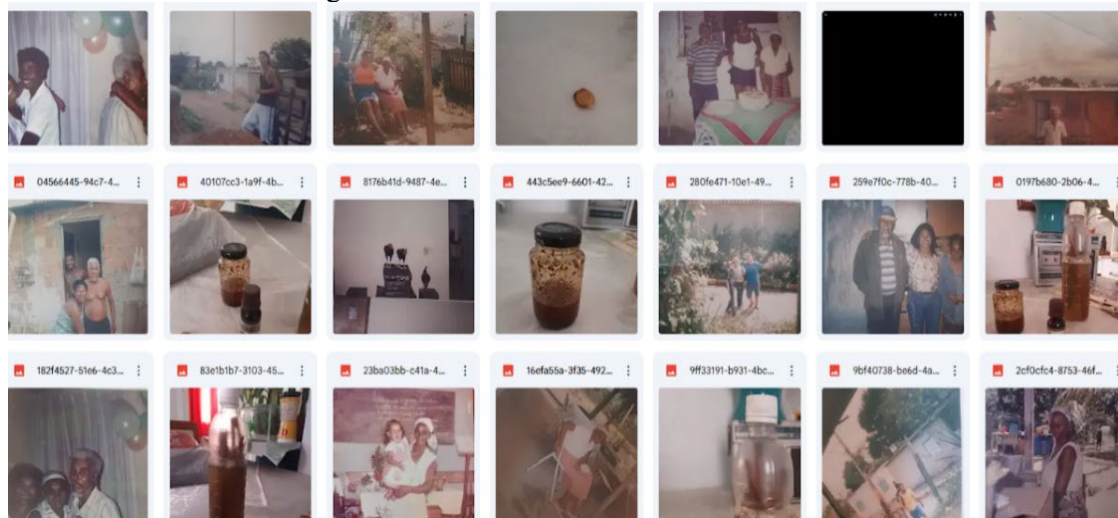
ARTIGO | Identidades Culturais na Baixada Fluminense: Referências Profundas das
“Raízes Que Ficam”

e historiadora fiquei ainda mais seduzida na busca de informações sobre a comunidade, seguindo as trilhas da museologia social e registros históricos pautados nos valores coletivos. Assim, a partir da Lei Federal Paulo Gustavo, o edital categoria pesquisa, por meio da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Duque de Caxias, indiquei a pesquisa sobre seu Sebastião e dona Valeriana, os primeiros moradores do quintal do Varanda. Isso promoveu um desdobramento de dados, acervo, realização de memorial para comunidade e desdobramento para atividades de extensão.

Nesse sentido, compreendo que a proposta de certificação do IBRAM além de mobilizadora para o desenvolvimento de ações, “ações educativas” e das “memórias das comunidades” podem promover um investimento de acervos sobre suas trajetórias, visto, por exemplo, a demanda para editais e necessidade de portfólios, como “provas” de seus percursos. Acredito que os pontos de memórias devem ser estudados a partir dos seus desdobramentos de ações de memória e consequentemente de acervos e produções de suas referências materiais de existências.

Assim, destaco o levantamento realizado durante a pesquisa sobre os moradores do local, por meio de entrevistas e identificação de fragmentos de memórias apresentados pela filha de seu Sebastião e dona Valeriana, nascidos no início do século XX de Minas Gerais e que faleceram no início dos anos 2000. De acordo com a filha do casal, Celina Santos, dona Valeriana faleceu por questões de saúde e seu Sebastião de tristeza, após a partida da companheira. Celina nos apresentou muitas fotos dos pais, documentos e objetos que são marcas dessas trajetórias até o estabelecimento de moradia no chamado “morro da farinha.”

Imagem 1 – Documentos – Sr. Sebastião e dona Valeriana



Fonte: Acervo Varanda Cultural Abolição.

A conversa com a Celina e a recepção em sua casa, não mais no morro, foi marcada por muito afeto, com bolo de chocolate, empadão e uma conversa cheia de emoção. Celina esteve no início do ano de 2024 no evento Vem Varandear¹ para a inauguração da exposição “Memórias do Local”, em homenagem aos seus pais, seu Sebastião e dona Valeriana. Ela e seu irmão ficaram emocionados com o que viram. Infelizmente, Celina faleceu no final do ano de 2024. Ela também fica na memória do espaço e da construção de uma Duque de Caxias.

3 UM TERRITÓRIO DE CHEGADAS: SÍMBOLOS DE DUQUE DE CAXIAS

As abordagens dos caminhos realizadas pela primeira geração² As abordagens dos caminhos realizadas pela primeira geração de pesquisadores da Baixada Fluminense (Autora, 2021) enfatizaram os ciclos econômicos. Guilherme Peres (2000), em *Tropeiros e viajantes na Baixada Fluminense*, apresentou o tema que ele considera central em suas pesquisas, “os tropeiros”. Essa produção indica as leituras de ocupação econômico-administrativa da região, e também os olhares para a circularidade do espaço e o trânsito das pessoas. Acompanhando a leitura dos aspectos geográficos do território, Peres (2000) se interessa por aquele que não fica, apenas faz pouso no território, com maneiras de contribuir para o “desbravamento” e o desenvolvimento do local. A pesquisa de Peres (2000, p. 5, grifo nosso) seria “uma homenagem ao abnegado trabalho desses **heróis anônimos**, que através de seu pioneirismo, iam lançando pelos caminhos, sementes germinadoras de futuros povoados”.

Outras produções procuraram apresentar os que chegaram e ficaram nas sementes deixadas, os migrantes. Sobre o recorte de pesquisa que desejava, Tania Amaro de Almeida diz:

¹Foi o primeiro evento Vem varandear: Capoeira e diálogos culturais. Com oficina, lançamento de livros e abertura da exposição “memórias do local”.

²Os agentes que fundaram a Associação de Amigos do Instituto Histórico (ASAMIH) e estiveram ligados por uma “rede de confiabilidade” são considerados, neste estudo, como pertencentes a diferentes gerações, não no sentido etário, mas pelas vivências experienciadas por eles. Apontar para as gerações seria um esforço para identificar as relações entre os intelectuais, ciente que seria falso “identificar um grupo e supor sua homogeneidade interna utilizando-se um critério cronológico, que deriva de um tempo ‘exterior’ – um tempo social datado” (Gomes, 1996, p. 39). Assim, consideramos que os agentes não eram homogêneos: nem em oposição, e nem entre eles, e que suas pesquisas faziam parte de suas leituras de mundo, e que elas também sofreram impactos não apenas a partir do lugar social de produção, mas também das pressões do tempo.

ARTIGO | Identidades Culturais na Baixada Fluminense: Referências Profundas das
“Raízes Que Ficam”

Um olhar, mas sei lá, fluído, lúdico, que não tem aquela coisa da violência, da marginalidade, mas **é um lugar também de migrantes**, como Barboza coloca na obra dele, então assim os recortes dos trabalhos para pesquisa vieram assim, para eu mostrar a cidade, eu tinha que falar dessa cidade em transformação. [...] Das misturas de culturas, **do migrante que vem, tanto nordestino, mas tem gente que vem da Europa também, minha própria família**, meus pais são portugueses e chegaram aqui em 1958, então acho que meus projetos partiram daí do cotidiano, da necessidade e de um gosto meu (ENTREVISTA TANIA AMARO DE ALMEIDA, 06/02/2020, grifo nosso).

O cotidiano e o pertencimento também são apontados por outros agentes. Antônio Augusto Braz, quando perguntado sobre os motivos das escolhas dos seus temas de pesquisa, apresenta os fatores de vivências do cotidiano. Ele recupera a chegada dos pais em um lugar com muitas ausências, e como isso teria despertado seu interesse pelos processos de urbanização da cidade. No livro *De Merity a Duque de Caxias: encontro com a história da cidade*, escrito com Tania Amaro de Almeida (2010), já na abertura da apresentação dos autores, eles registram:

Duque de Caxias **é uma cidade de migrantes**. De gerações migrantes que se sucederam desde as primeiras décadas do século XX. Na medida em que chegavam à região, esses homens e mulheres lutaram penosamente, durante décadas, em um esforço contínuo de construção de suas vidas, de seus projetos e de suas aspirações, construindo sua própria história e também a do nosso município (Almeida; Braz, 2010, p. 9, grifo nosso).

A temática do migrante e seu papel na cidade atravessa as obras, tanto que Rogério Torres (2012, p. 8), em seu livro *Caxias de antigamente* – e “antigamente”, para ele, “situa-se, mais ou menos entre os anos de 50 e 80”, – recuperava o olhar e os estranhamentos do autor, a partir de alguém que chega na cidade. O pai, “transferido dos Correios da Praça XV para a estação de rádio do DCT, que ficava no Núcleo Colonial de São Bento, bem em frente da velha fazenda dos padres beneditinos”, não é o único descolamento mencionado pelo autor. Ele também fala de seus avós maternos, que nasceram em Paraíba do Sul e que resolveram “vir para o Distrito Federal” (Torres, 2012, p. 15), embora ele desconheça seus motivos.

Torres (2012, p. 10) estabelece comparativos entre o local de seu nascimento, Engenho de Dentro, e os locais em que morou (Méier e Vaz Lobo) com a cidade que acabou de conhecer, e diz: “ali tudo era diferente”. Ele fala das condições de transporte,

do jogo do bicho e de como “poucas ruas eram calçadas, a iluminação pública ficava limitada ao centro e aos bairros da classe média”, e conclui que “estas foram, inicialmente, as minhas primeiras impressões sobre aquela cidade estranha que, a partir daí, passaria a ser minha também” (Torres, 2012, p. 13).

Seguindo a linha de abordar os “anônimos”, Souza (2014) detalhou a trajetória de outros agentes, como o esposo de Josefa Paulino, José Pureza. Ela conta que Pureza participou, em 1949, da formação da Comissão de Lavradores, que objetivava atender aos interesses dos camponeses das ameaças e ações dos grileiros (Souza, 2014).

O esforço em denunciar as ações indesejadas da população e reforçar a ideia de ordem era expresso nos jornais locais, como o *Luta Democrática*, de Tenório Cavalcanti, na década de 1950, e ganhou forte investimento depois do enquadramento da cidade como Área de Segurança Nacional. O jornal dizia, em 1954, que Xerém, localizado no Terceiro Distrito do município e onde estava situada a FNM, era um lugarejo no sentido mais bucólico. Na época, Xerém possuía 5.000 habitantes, dos quais 2.000 eram vinculados à FNM. Também possuía algumas indústrias de concreto, óleo, anilina, olarias, algumas fazendas e um pequeno comércio no entorno da Estrada de Ferro Rio D'Ouro. A iluminação elétrica se limitava à FNM e à represa João Pinto, e as casas e o comércio eram iluminados por lampião. Souza (2014, p. 192) registrou que, de acordo com o jornal, a população era ordeira, mas, apesar disso, “havia uma subdelegacia na FNM em que ‘operário e lavradores que divergiam da política do PSB eram espancados’”.

A atração de muitos lavradores para Xerém, nas décadas de 1940 e 1950, nas terras da FNM e em outras no entorno, estaria associada à abertura da Rodovia Rio-Petrópolis, que, após o término das obras, sem outras opções de moradia e trabalho, fez com muitos trabalhadores permanecessem no local. A proximidade de Duque de Caxias com o Distrito Federal, por meio da ferrovia, e a formação dos núcleos coloniais também atraíram muitos lavradores e sem-terra. Assim, os lavradores ocuparam terras cedidas por outros camponeses, terras vazias, de mata fechada ou arrendadas dos grileiros (Souza, 2014).

É importante lembrar que o município de Duque de Caxias se constituiu administrativamente desvinculado de Nova Iguaçu em 1943, quando o então 8º Distrito de Nova Iguaçu, sob a denominação de Caxias, teria adquirido autonomia. Atualmente, Duque de Caxias está dividida em quatro distritos: Duque de Caxias, Campos Elíseos, Imbariê e Xerém. Faz divisa com Miguel Pereira, Petrópolis, Nova Iguaçu, Belford Roxo, São João de Meriti, Magé e com o Rio de Janeiro. A historiografia sugere um certo

esvaziamento da região no pós abolição, seguida dos poucos recursos de habitação por conta das enchentes. No entanto, estudos como o de Bezerra (2012) sugerem a permanência de moradores, bem como indica o deslocamento de muitos outros tantos do interior do Estado, quanto de outras regiões do sudeste pode ser considerada uma área estratégica economicamente para o Estado, mesmo antes de sua emancipação, visto que, na década de 1940, sob o projeto de colonização e de desenvolvimento industrial do Estado Novo, recebeu a instalação da FNM (Souza, 2014).

Souza (2014) confere atenção ao processo de ocupação do território da Baixada Fluminense, em especial a Duque de Caxias, ao apresentar o jogo de interesses dos grupos dominantes locais e suas articulações com os núcleos centrais de poder. O impacto dos interesses de um chamado “poder central” é parte do processo de construção desse território. Além da FNM, o município recebeu, na década de 1960, a implementação da Refinaria de Duque de Caxias (REDUC) e a primeira empresa petroquímica brasileira, a Fábrica de Borracha (FABOR), em 1962. Posteriormente, outras empresas se instalaram no entorno e compuseram o chamado polo petroquímico (Souza, 2014). Esses fatores também contribuíram para um crescimento populacional na região, que se mantém na atualidade, com a presença de outras empresas privadas. Além disso, o escoamento da produção é facilitado pelas principais rodovias que cortam o município, como: Rodovia Washington Luís, Rodovia Presidente Dutra, Linha Vermelha e Arco Metropolitano. A existência de muitas empresas na região impacta na arrecadação fiscal da cidade, e a REDUC fortalece sua posição estratégica para o Estado, o que confere à Duque de Caxias uma das melhores arrecadações de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) do Estado. Contudo, esses dados não reverberam na qualidade de vida na cidade.

Isso é expresso na atualidade com as condições de vida e existência dos moradores na cidade. A presente pesquisa sobre o morro conhecido por “morro da farinha” indicava a presença de moradores oriundos do nordeste brasileiro, por conta da nomenclatura do morro: “farinha”, carregado de preconceito, mas que na atualidade parece não ser mais enfatizada. Isso, talvez, se explique por uma maior ocupação nas últimas décadas de moradores oriundos de diferentes lugares do estado do Rio de Janeiro. Desse modo, destaco que o espaço que foi ocupado nas décadas de 1980 e 1990 e recebe nas últimas décadas mais e mais moradores, viveu e vive o processo de falta de investimentos públicos para moradia, sem planejamento, e precisa das práticas de autoconstrução que impactam no seu desenvolvimento e lutas políticas, como ocorreu em muitos outros lugares da Baixada Fluminense. Marcas de ocupação da região com cicatrizes de muitas

lutas de sobrevivência e falta de ações do poder público, na longa duração. No entanto, considero que as práticas que alimentam as redes e as sobrevivências no local são reflexo das experiências e das formas de existir que antecedem as chegadas e contam muito mais do valor que atravessa todo o Brasil, como o alimento da mandioca e a sua disseminação pelos povos originários.

Dessa forma, destaca-se algumas memórias e histórias de alguns “Anônimos” da Baixada Fluminense, que não estiveram ligados aos movimentos sociais, ou mesmo que reconheçam suas ações como parte de uma construção identitária ou mesmo parte das ações para permanências ou mudanças no cotidiano. Assim, partir do quintal, que hoje não é só da minha família, mas também é partilhado com a comunidade, indica o potencial de registro de muitas histórias e memórias que alimentam o território.

3.1 As raízes mais profundas das “raízes que ficam”: referências indígenas e africanas na Baixada Fluminense

Seu José Analício é um senhor alagoano que chegou ao Rio de Janeiro na Década de 1970, pela primeira vez, e depois de idas e vindas se estabeleceu em Duque de Caxias em 1990. Ele relata que foi durante uma enchente, na década de 1990 no Bairro São Bento, segundo distrito de Duque de Caxias, o momento que o fez se deslocar para o morro. Esse relato da enchente é compartilhado por outras entrevistadas, pessoas indicadas pelo seu José como uma das primeiras moradoras do local, como Celina Santos e Maria Severina.

Tanto Celina Santos, quanto Maria Severina se recordam com pesar dos momentos de angústias que viveram naquele período com a enchente. Com a situação, eles e outras famílias ficaram desabrigados por um longo período, e foram alojados em igreja e escolas próximas, como o Ciep 201 Aarão Steinbruch localizado próximo ao bairro. Cada entrevistado detalha um pouco de suas percepções e vivências. Seu José, pedreiro e muito conhecido no local, esteve diretamente envolvido com a criação da igreja católica que se estabeleceu no morro, a comunidade que carrega o nome de um missionário africano São Daniel Comboni. Assim, sua entrevista que foi realizada na própria igreja, talvez, estivesse carregada de impressões sobre a importância de falar da intervenção da igreja para mediar a situação das famílias desabrigadas, que ele contabiliza em torno de 16 em situações mais precárias. Ele conta do padre que disse que era para

eles se organizarem, porque tinha um pedaço de terra no morro e que a igreja iria ofertar alguns materiais de obra.

A fala desse senhor é carregada de gratidão pela intervenção do padre, bem como de sua alegria em ter contribuído para a construção da comunidade atual. Espaço que, inclusive, serviu como salão de eventos para a comunidade, bem como para a prática de capoeira, no salão principal, durante um certo período. Fato que provocou desconforto em alguns membros devido a relação e exposição dos objetos sagrados. A questão maior é que o olhar desse senhor sobre o lugar é muito acolhedor, e, na atualidade, metade de seus filhos permanecem morando no morro, que ele completa: “tem as raízes que ficam”. Paradoxalmente, ou não, os outros filhos foram morar no bairro São Bento, mas para seu José, nenhum outro lugar lhe interessa, exceto para alguma outra região do nordeste.

O desejo de regressar ao nordeste, mas para outra região, também é expresso no registro de Maria Severina. Ela diz que não gostaria de sair do morro, mesmo com a saída de sua filha, que se casou e foi morar no bairro São Bento. Para ela, paraibana, se tivesse condições financeiras, talvez, fosse morar na Bahia. Trabalhando como cuidadora, ela disse que acompanhou as crianças que cuidava, juntamente com a família deles, em uma viagem para Bahia e achou tudo muito lindo, desse modo, seria um lugar desejado. Maria Severina ressalta a dificuldade que foi chegar no morro, na época mãe solteira, com duas crianças pequenas, em um lugar que não conhecia nada. A filha, em idade escolar, teve que esperar quase dois anos para conseguir vaga na escola mais próxima. A água era fornecida por moradores e precisava ser carregada em baldes. A situação era bem precária, mas as memórias da enchente, as dificuldades de viver em abrigos são marcadas pela intervenção da igreja, mas também pela ação de lideranças políticas locais. Ela menciona o papel de um conhecido vereador local no processo de acompanhamento no momento que ficou abrigada no Ciep, bem como sua indicação de ocupação do espaço no morro. As dificuldades de moradias e sobrevivências no território, com mediação de lideranças que ganharam projeção política, parece algo recorrente na Baixada Fluminense, como nos apresenta o trabalho de Linderval Monteiro, (2008), sobre a figura do prefeito Joca em Belford Roxo, durante o processo de emancipação política do município.

As demandas do local e a dificuldade de moradias sem planejamento na cidade revelam as muitas ausências sofridas pelos moradores da Baixada Fluminense, que revelam os usos políticos de determinados agentes, ao passo que possibilitam o reconhecimento das muitas práticas e saberes desses agentes para a vivência e

sobrevivência. Entre as maiores dificuldades apresentadas, estava a falta de água. Cada um carrega a memória de um morador mais antigo que possuía poço e partilhava com os demais. Mirian Bastos é uma dessas moradoras mais antigas, que ajudou com água muitos que chegaram. Ela foi indicada pela Maria Severina para ser entrevista, por seu uma morada que já estava no local antes da sua chegada.

Mirian Bastos é paraense, chegou em Duque de Caxias, para o bairro Pantanal, ainda menina, junto de sua família. O pai militar, veio transferido para trabalhar. Ela conta que não tem vínculo nenhum com o local de nascimento e que fez sua vida em Duque de Caxias. Casou-se e foi morar no bairro Gramacho e em seguida o marido conseguiu o terreno onde mora atualmente, também no morro. Afirmo que quando chegou existia a casa do português, o que os outros entrevistados chamam de casarão. O chamado casarão, era assim denominado, porque destoava das casas mais simples construídas, já que possuía mais de um cômodo e uma frente com fachada de azulejos. Isso, possivelmente, quando comparado às casas realizadas às pressas para a moradia urgente, e de apenas um cômodo.

Esses relatos de deslocamentos em busca de melhor condição de vida, indicam uma certa resistência do conhecido discurso dos moradores em regressarem para “suas terras” de origem. Muito se fala do desejo de muitos migrantes em retornar, especialmente, para o nordeste. No entanto, muitas histórias são marcadas pelas desigualdades econômicas e situações de crise, bem como o impacto e o desejo de manutenção na região que alimenta a chave do progresso. Isso gera inúmeros apagamentos das histórias e vivências dessas pessoas, com silenciamentos de suas regiões e especificidades locais, bem como a própria construção identitária de cada local, sob a marca das ancestralidades desses territórios.

O que se pode considerar, é que mesmo que não seja dito, reconhecido ou valorizado, as marcas de cada local são transportadas com cada corpo. E essas pessoas, por mais que suas histórias e memórias não sejam evidenciadas, elas são vividas no cotidiano e existem no tempo e no espaço.

Duque de Caxias é um município de muitas chegadas. Celina Santos Ribeiro, uma das primeiras moradoras, mulher negra, também é vítima das consequências da enchente da década de 1990. Ela revela a dificuldade que foi receber o material doado pela igreja, mas não conseguir, sozinha, fazer a casa. Cuidava dos três filhos pequenos e com isso, só conseguiu vir morar bem depois no morro. Sua instalação, de forma bem básica, sem energia elétrica suficiente, somente com um ponto de luz, a casa sem piso, apenas no

**ARTIGO | Identidades Culturais na Baixada Fluminense: Referências Profundas das
“Raízes Que Ficam”**

barro, foi a base para receber alguns de seus irmãos e mandar buscar os pais, Seu Sebastião e dona Valeriana, que moravam na época no Espírito Santo. De família mineira, de Teófilo Ottoni, Celina é um exemplo das migrações no Sudeste, das famílias no pós abolição, que em busca de condições de vida, acabaram chegando em Duque de Caxias. Seus pais, se instalaram em sua casa até ter condição de comprar um pedaço de terreno próximo para construir sua casa³. Esses moradores trouxeram seus saberes para ajudar na localidade. Celina conta que na casa de seu pai, todo dia tinha quatro ou cinco pessoas para ele rezar, e que sua mãe também rezava, mas apenas de quebranto. Com um quintal carregado de ervas, ele produziu muitas garrafadas e indicava chás diversos. Essa sabedoria e prática também é recorrente entre outros moradores, que vieram de outras regiões do Brasil. Isso revela que Duque de Caxias é um lugar de muitas chegadas, e que tem “as raízes que ficam”, bem como as confluências que são realizadas nas trocas e diante das necessidades e demandas do local. Seja na partilha da água, no cuidado das crianças menores ou nas rezas.

Os chamados “nordestinos”, sejam eles: paraibanos, alagoanos, baianos, cearenses, pernambucanos, entre tantos, são muito diversos e, bem como são muitos os que precisaram se deslocar de suas regiões, sejam eles mineiros, capixabas, entre outras. Talvez, por isso a Baixada Fluminense também seja invenção. Um amálgama de tantos e em espaços tão diversos, como são seus municípios. Assim, pouco tem se observado sobre o que significam essas marcas de solidariedade e sociabilidade no território, especialmente, para os chamados “anônimos”.

Sabemos que o debate de uma imagem sobre uma Caxias exclusivamente nordestina não é novo na historiografia (Bezerra, 2012; Laurentino, Bezerra, 2022), bem como os olhares sobre os hibridismos dessas relações revelam muito sobre a região (Pinto, 2019). Contudo, considero que é preciso falar sobre a diversidade cultural e social no território, que não contempla o debate sobre o lugar que os nordestinos, a partir de uma “invenção de nordeste” (Albuquerque Júnior, 2011), pode ocupar na perspectiva de um discurso no Sudeste e no território da Baixada Fluminense. Além disso, pouco se debate sobre as muitas hierarquias que são impostas entre os diferentes estados do nordeste e que não revelam as dimensões de distintas referências culturais de cada estado, bem como suas marcas particulares mais indígenas e/ou africanas, que se cruzam com as

³Os terrenos loteados passaram a ser vendidos, tanto pelos moradores que receberam e não foram morar, quanto pelos demais moradores da região.

experiências de famílias negras na região e que faz gerar dicotomias e não um olhar sobre a complexidade das relações que mais têm práticas em comum do que de diferentes.

Em Duque de Caxias é possível identificar que a invenção da Baixada Fluminense (Autora, 2021) também ignora o fato de um Brasil que vive a neurose brasileira, como nos alerta Lélia Gonzalez, e que isso tem provocado no Local um certo silenciamento das múltiplas pertencas que o corpo nordestino ocupa em regiões periféricas no sudeste: o ser de um determinado Estado do nordeste e o ter suas referências ancestrais indígenas e africanas tão vívidas em determinados Estados. Essas vivências e saberes são transportados com o processo de imigração, mas nem sempre valorados, e ficam, por vezes, invisibilizados em terras “estrangeiras”. Para alguns, são marcas que precisam ser apagadas, como forma de inserção e mecanismo de evitar os preconceitos, como os títulos “da farinha”.

Na obra *Baixada Negra* (2022), as pesquisas revelam a marca de um território atravessado pela diáspora africana, e trabalhos como o Souza (2014) sobre os povos tupinambás na região sugerem a necessidade de aprofundamentos de estudos sobre a heranças indígenas no território. Bezerra (2024) em trabalho recente destaca que existe um espírito das periferias, que são heranças de valores e práticas ancestrais que marcam as redes de cuidado, partilhas e vivências no território. Assim, em diálogo com essa perspectiva, que existem marcas dessa ancestralidade no local, espero destacar que a presença nordestina ou o discurso de uma Duque de Caxias nordestina merece mais investimentos de pesquisas futuras sobre as heranças das práticas culturais que atravessam cada Estado de origem, bem como das referências ancestrais que esses Estados mobilizaram a esses corpos nordestinos em seus processos de desterritorialização e territorialização. Destaco, também, que Duque de Caxias recebeu muitos imigrantes de outros Estados do sudeste, como Minas Gerais e Espírito Santo, como já estudado sobre as temáticas do pós abolição (Bezerra). Desse modo, as pessoas continuam vivendo e agindo conforme suas marcas ancestrais, e assim acredito que a própria chegada de muitos nordestinos e nortistas, e de pessoas dos demais estados do sudeste, especialmente a partir das décadas de 1950 em Duque de Caxias, revelam os múltiplos apagamentos identitários, que podem ser observados em uma perspectiva de escalas.

Imagem 1- Seu Sebastião e Dona Valeriana



Fonte: Acervo pessoal Celina Santos

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar em contar um pouco das histórias e memórias dos moradores desse local, partindo do meu quintal e desses senhores que o habitaram parecia algo distante da expectativa acadêmica que aprendi e mais ainda da proposta de ensino de história. Apesar de ter realizado inúmeros cursos sobre a região, ter me interessado desde o princípio de minha formação universitária pela história do local, esse local não era tão próximo para pesquisa, com pessoas tão ordinárias e com conteúdos tão elementares. Falávamos das “grandes ações” de pessoas que se “destacaram” na luta pelo coletivo ou algo nesse sentido. Que bom que na atualidade é possível abordar as múltiplas historicidades e cada vez mais partilhar falar dos “ilustres anônimos”. Espero que os pontos de memória sejam caminhos para identificar nossas raízes mais profundas.

Nessa perspectiva, identifiquei que o quintal ocupado pelo Varanda está em um local que tinha como referência a nomenclatura “morro da farinha”, conectado diretamente aos estereótipos do nordeste brasileiro. No entanto, a tal farinha, tão consumida pelos nordestinos, nem sempre é mobilizada pelo seu valor ancestral, ou seja, por meio da relação à mandioca, ou macaxeira ou aipim, ou seja, referência de uma raiz ainda mais profunda de identidade, muito mais antiga, associada aos primeiros habitantes em terras pindoramas, com valor existencial. Assim, ao nos limitarmos a um olhar apenas

centrado nas relações humanas de referências de estereótipos, com marcas coloniais de dominação e discursos de civilidade, deixamos de olhar outros agentes (Santos, 2023).

Os primeiros moradores do morro da farinha, chegaram e estabeleceram suas moradias com valor ao solo, expressos em suas plantações de aipim; nas muitas árvores frutíferas, nas ervas, que auxiliam em muitos chás e garrafadas, entre tantas interações com a natureza. Tais percepções e articulações se sucederam com o levantamento dos depoimentos e a identificação de uma presença de moradores de diferentes regiões do Brasil, não apenas do Nordeste.

A partir das práticas de reza, com uso das ervas e saberes ancestrais de seu Sebastião e dona Valeriana, somada as poucas plantações de mandioca que ainda persistem na região, bem como as memórias dos moradores sobre o desejo de continuar no local e a presença de seus filhos que também coabitam o espaço, identifiquei os vestígios de trajetórias marcadas por deslocamentos que carregam suas referências identitárias. Isso é expresso na fala de um morador ao se referir a permanência dele e de alguns de seus filhos no local, diz: “tem as raízes que ficam”. Essas raízes não são apenas as pessoas, mas das manutenções de práticas das culturas afro e indígenas no local, sejam as religiosas ou a própria capoeira, bem como dos cultivos e das permanências das raízes de existências. Acredito que tudo isso sugere a potência dos pontos de memória na Baixada Fluminense para muitas identificações e valorização das memórias do local que constituem a identidade brasileira.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Tania Amaro de. **Entrevista concedida à AUTORA**. Duque de Caxias, 6 fev. 2020.

ANALÍCIO, José. **Entrevista concedida à AUTORA**. Duque de Caxias, 2023.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. 376p.

BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior do que o mundo**: antologia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. 138p.

BASTOS, Mirian. **Entrevista concedida à AUTORA**. Duque de Caxias, 2023

BEZERRA, N. R. **Escravidão, farinha e comércio no Recôncavo do Rio de Janeiro, século XIX**. 1. ed. Duque de Caxias-RJ: Clio-INEPAC, 2011. 176p.

BEZERRA, N. R. **A cor da Baixada**: escravidão, liberdade e pós-abolição no Recôncavo da Guanabara. 1. ed. Duque de Caxias: APPH-Clio, 2012. 200p.

BEZERRA, N. R.; LAURENTINO, E. José Lustosa e a memória da cidade: a escrita como patrimônio. Duque de Caxias, 1958. **Pilares da História**, v. 18, p. 15-22, out. 2019.

BEZERRA, N.R. **O espírito das Periferias**: Ancestralidades Indígenas e Africanas na Baixada Fluminense. Editora Esteio, Duque de Caxias, RJ, 2024.

BRASIL, **Portaria IBRAM nº 579**, de 29 de julho de 2021.

BRAZ, A. A.; ALMEIDA, T. M. da S. A. **De Merity a Duque de Caxias**: encontro com a História da Cidade. Duque de Caxias: APPH-Clio, 2010. 128p.

BRAZ, Antonio Augusto. **Entrevista concedida à AUTORA**. Duque de Caxias, 22 jan. 2020.

GOMES, A. de C. **História e historiadores**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996. 220p.

LAURENTINO, ELIANA. S. S; BEZERRA, N. R. (Org.). **Baixada Negra**: escritas, identidades e práticas educativas em diáspora. 1. ed. Duque de Caxias: Esteio, 2022. 324p.

LAURENTINO, E. S. S. **História local, patrimônio e culturas afro-brasileiras em Duque de Caxias (2000-2014)**. 2016. 220f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2016.

LAURENTINO, Eliana Santos da Silva. **Tensões e conciliações**: a escrita da história local e o Instituto Histórico da Câmara Municipal de Duque de Caxias (1971-2008). 2021. 250f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2021.

MONTEIRO, L. A. Andando pelo vale da sombra da morte: a trajetória política de Joca, primeiro prefeito de Belford Roxo. **Revista Universidade Rural**. Série Ciências Humanas, v. 29, p. 55-71, 2008.

PERES, G. **Tropeiros e viajantes na Baixada Fluminense – ensaio**. Duque de Caxias, Shaovan Gráfica Ltda., 2000. 77p.

PINTO, Rodrigo Sampaio. Vozes nordestinas: A História oral como foram de análise das identidades nordestinas em Duque de Caxias. **Revista Pilares da História**. Duque de Caxias, 2019. p. 46-56.

SANTOS, Celina. **Entrevista concedida à AUTORA**. Duque de Caxias, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SEVERINA, Maria. **Entrevista concedida à AUTORA**. Duque de Caxias, 2023.

SIMÕES, M. R. **A cidade estilhaçada**. Reestruturação econômica e emancipações municipais na Baixada Fluminense. Mesquita: Entorno, 2006.

SOUZA, M. S. de. **Escavando o passado da cidade**: História Política da Cidade de Duque de Caxias. Duque de Caxias: APPH-Clio, 2014. 228p.

TORRES, R. **Caxias de antigamente**. Duque de Caxias: Edição do Autor, 2012. 310p.

VIZOLLI, I.; SANTOS, R.M.G.; MACHADO, R. F. Saberes quilombolas: um estudo no processo de produção da farinha de mandioca. **Bolema: Boletim de Educação Matemática** [online], v. 26, n. 42b, 2012.

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores, bem como no que se refere ao uso de imagens.